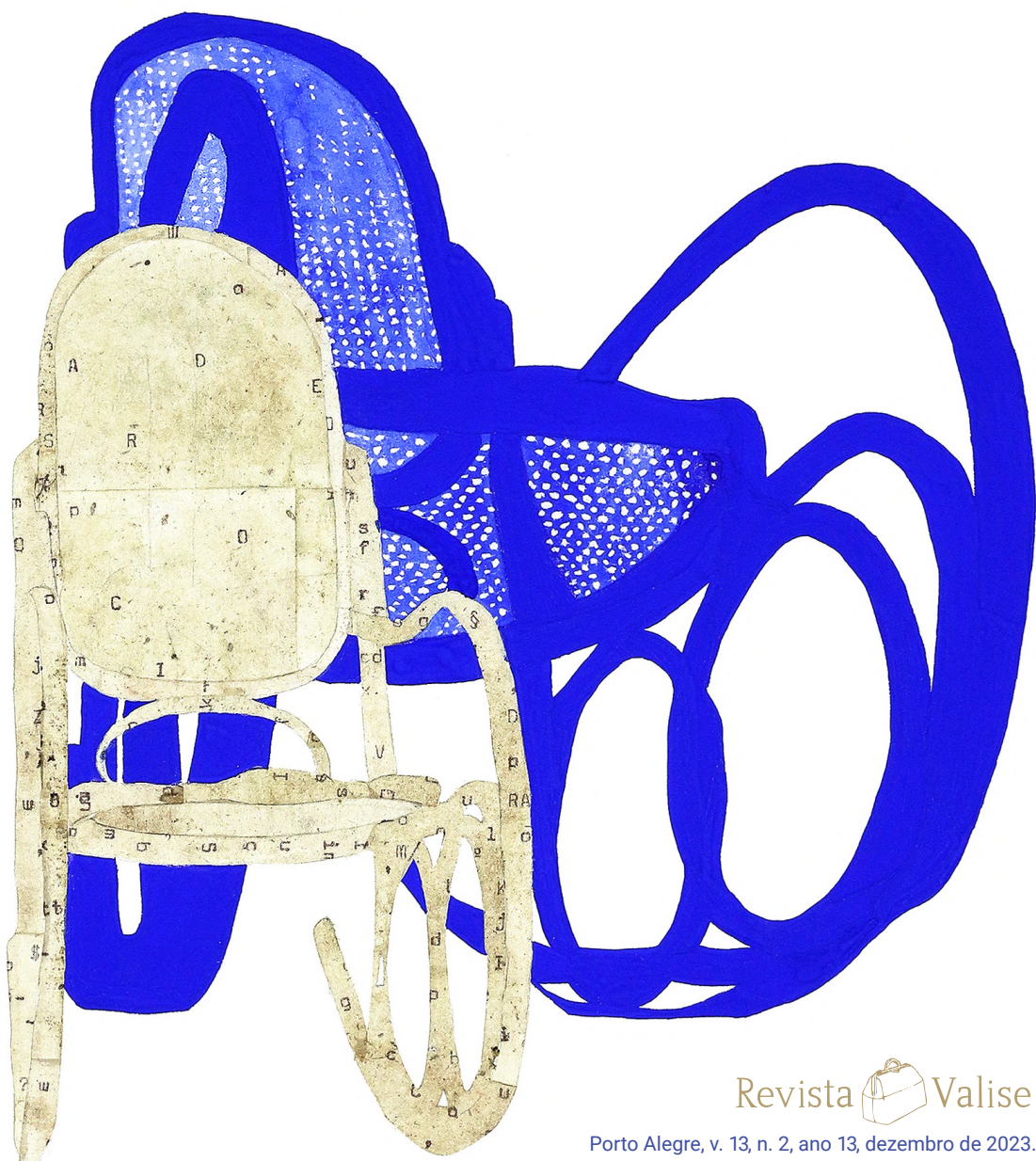
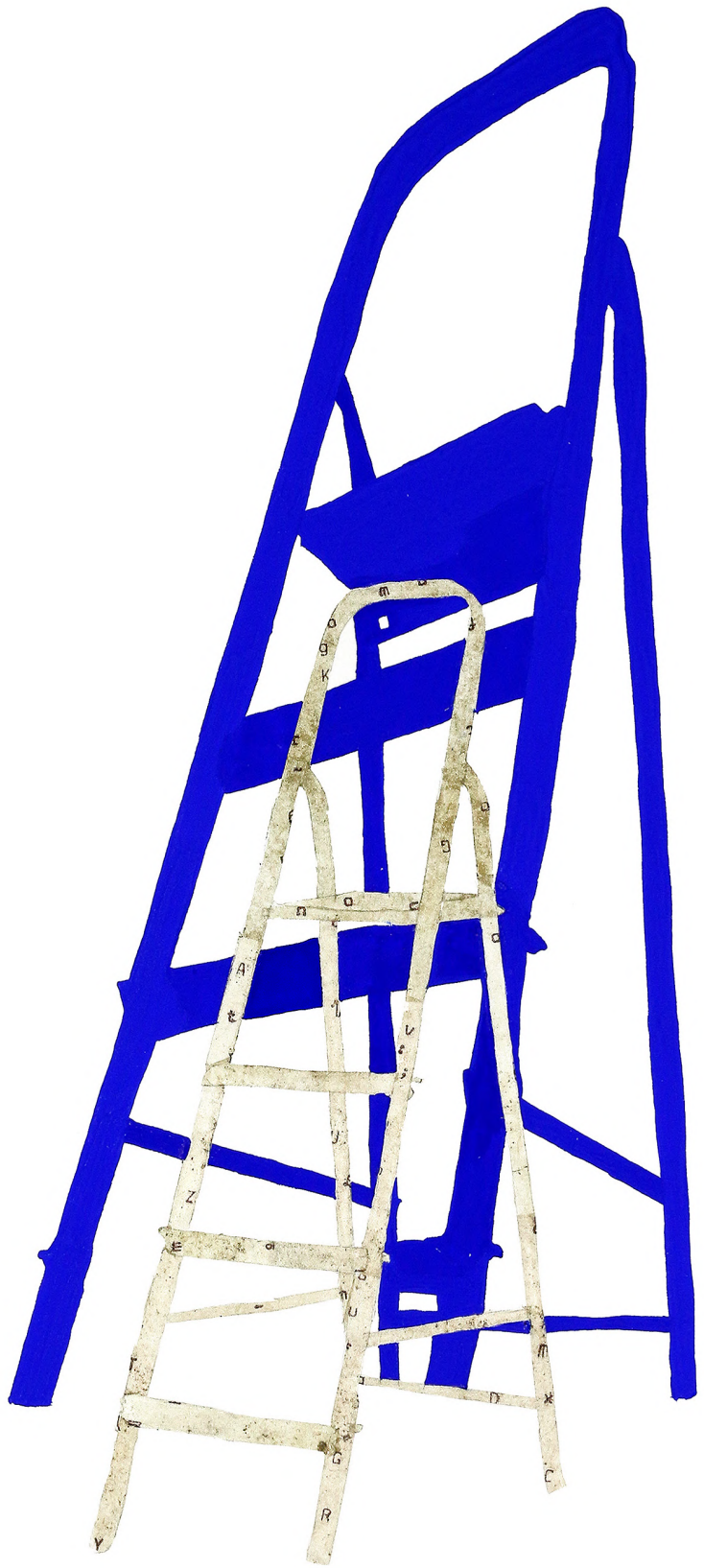




Revista  Valise

Porto Alegre, v. 13, n. 2, ano 13, dezembro de 2023.



SUMÁRIO

EDITORIAL

07

ENSAIO VISUAL

SOB A LUZ DOS OBJETOS

CAROLINE VEILSON

15

ARTIGOS

POSTAL MERCADO PÚBLICO
DE FLORIANÓPOLIS: TÁTICAS
DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE
UMA PROPOSIÇÃO ARTÍSTICA EM
DIÁLOGO COM AS ATIVIDADES DO
COMÉRCIO DE RUA

GABRIEL VILLAS

23



ESCUELA PANAMERICANA DEL
DESASOSIEGO: CRUZAMENTOS
ENTRE ARTE E EDUCAÇÃO

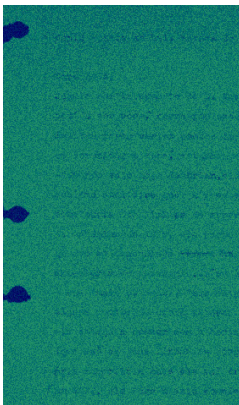
GUILHERME SUSIN SIRTOLI

40

O DIREITO DE MATAR E
CALAR: DIÁLOGOS ENTRE
ARTE CONTEMPORÂNEA E
NECROPOLÍTICA

VITÓRIA VALENTIM

56



CARTA A MONDRIAN: LYGIA CLARK PEDE AMPARO AO PINTOR HOLANDÊS - UM DEBATE À LUZ DOS "ESCRITOS DE ARTISTAS" E DO DISCURSO NEOCONCRETO NAS PÁGINAS DO JORNAL DO BRASIL

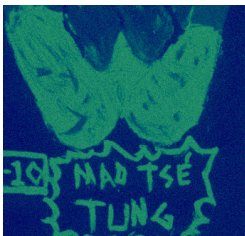
BRUNO HENRIQUE FERNANDES GONTIJO

77

EM BUSCA DA ESSÊNCIA:
NOTAS SOBRE A PRESENÇA DA
MINIMAL ART NA 19ª BIENAL
DE SÃO PAULO

GUILHERME MOREIRA

96



POLÍTICOS À VENDA: UM
OFERECIMENTO DE PEDRO
MORALEIDA

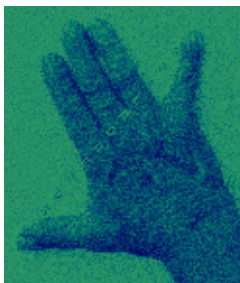
THIAGO ALCÂNTARA

112

MANOBRAS RADICAIS:
REFLEXÕES SOBRE UMA
EXPOSIÇÃO FEMINISTA NO
BRASIL

JAQUELINE SANTOS SAMPAIO

133



ORIENTAÇÃO E
DESORIENTAÇÃO DESDE O
CORPO NA OBRA DE PEDRO
PARENTE E JULIA PEMA

RICARDO HENRIQUE AYRES ALVES

150

A MULHER E A HISTERIA: DO
ESTIGMA CIENTÍFICO AO
SILENCIAMENTO NA ARTE

ANA CAROLINA TAVARES SOUSA | NÁDIA
DA CRUZ SENNA | ROSÂNGELA FACHEL DE
MEDEIROS

173



“DEPOIS DA REVOLUÇÃO,
QUEM VAI LIMPAR A SUJEIRA
NA SEGUNDA DE MANHÃ?”:
MANUTENÇÃO E CUIDADO
COMO ARTE A PARTIR DO VÍDEO
RECEPCIONISTA

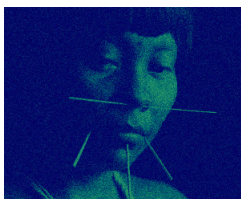
ADRIANA GRANADO

191

QUANDO VER É PERDER: A
INEXORÁVEL BUSCA DO VAZIO
OU A INELUTÁVEL MODALIDADE
DO VISÍVEL

ISADORA EBERSOL | DENISE MARCOS
BUSSOLETTI

208



JOIA: COISA ENCARNADA,
GESTO DE ENCARNAÇÃO

BRUNA BORTOLOTTI | JOÃO VILNEI

223

ENTRE O VAZIO E A
DESCONTINUIDADE: A RUA
COMO ESPAÇO DE ABERTURA
EM MANOEL QUITÉRIO

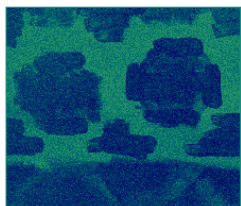
RAFAELA TRAVASSOS SARINHO

242

O MUNDO: A SOBREVIVÊNCIA
DA IMAGEM ATRAVÉS DO TARÔ

MIRNA XAVIER GONÇALVES

261



O PROCESSO DA PINTURA
DENTRO E FORA DO ATELIÊ

ANDRESSA PACHECO LAWISCH

281

ATÉ A FALHA: FORÇAS E
PROFUNDIDADES NA
SUPERFÍCIE DO RAIO-X

RENATA VOSS CHAGAS

295

EXPEDIENTE

308

EDITORIAL

Temos a satisfação em anunciar o lançamento do **segundo número do décimo terceiro volume da Revista-Valise**. Nesta edição, de **temática livre**, produzida a partir de submissões de colaboradoras e colaboradores em **fluxo contínuo**, finalizamos o ano de 2023 completando 13 anos de intensa movimentação. Recepcionamos diversas produções reflexivas de alta qualidade e relevância para o campo das Artes Visuais, bem como seus entrecruzamentos com outras áreas, contribuindo para a disseminação da produção acadêmica a partir do sul brasileiro.

Ao mesmo tempo, propusemos instar esse mesmo campo a responder reflexivamente, por meio de dossiês temáticos, a escopos originais sobre assuntos que não esquivassem absolutamente ao nosso estado atual como sociedade. Neste sentido, no mesmo ano em que fomos avaliados no triênio 2017-2020 com Qualis A3 pela CAPES, tivemos também a grata satisfação de termos os dossiês **Tradução e Arte, Ditaduras e Sobrevivências**, ambos publicados em 2022 pela Revista-Valise, como vencedores da categoria **Publicação – Pesquisa/ Documentação do XVI Prêmio Açorianos de Artes Plásticas 2023**, em reconhecimento pelo júri ao trabalho de nossa Equipe Editorial à época formada por Adauany Pieve Zimovski, Charles Monteiro, Eduardo Veras, Fercho Marquéz-Elul, Fernanda Soares da Rosa, Guilherme Figueras Dable, Juliana Proenço de Oliveira, Katia Maria Kariya Prates e Thaís Franco, êxito cujas congratulações se estendem a todas as Equipes Editoriais por todos esses anos.



Pensando o tempo como elemento que flui continuamente convidamos Caroline Veilson, mestre em Artes Visuais - Poéticas Visuais (PPGAV-UFRGS), para compor a capa e o ensaio visual de abertura desta edição. Com a série **Sob a luz dos objetos**, de 2023, a artista olha atentamente para seu ateliê para *pesar*, no espaço de trabalho, o contínuo trabalho de tempo que não só irradia sobre os objetos suas consequências de desagregação, como também propriamente participa compondo-os como existências. Em seus desenhos, esses objetos encontrados pelo seu olhar – originários de um tempo passado, mas tão presentes de atualidade – são instituídos no que mais têm de si mesmos: sua presença inarredável, concentrada de espaço, mas fora do espaço onde habitou, em um deslocamento que só o gesto de inventariar é capaz de fazer. Ao assim fazê-los, decompõe suas estruturas, compreendendo que a presença e a sombra são elementos tão essenciais quanto potencialmente intercambiáveis em latência de importância.

Pensar demais em um objeto é retornar à sua origem etimológica que compartilha com *pesar*: o objeto mesmo se torna inquietante e, portanto, sua materialidade é suspensa de seu tempo silencioso. Sua sombra tem sua matéria *inventada* – a mesma origem etimológica compartilhada com *inventariar*, acreditada demais, estranhamente bem mensurada. É delicada como um fluido sanguíneo que parece vazar, mas que, assombrosamente, se vê tramada com o cheio estrutural do próprio objeto que se presentifica sem pele, ocupando o vazio da sombra sem se tornar propriamente cheio. O pensamento como uma ação de baixa materialidade se sintetiza na ação materializante do que se coleta da ação de *pesar*. Estrutura e desagregação, cheio e vazios se alternam constantemente nesse processo insistente que pode ser a memória do ser em desenho.

Abrindo nossa sessão de artigos, em **Postal Mercado Público de Florianópolis: táticas de produção e circulação de uma proposição artística em diálogo com as atividades do comércio de rua**, Gabriel Villas relata as transformações e os impactos no comércio de rua após a reforma do Mercado Público de Florianópolis. A renovação do edifício, ainda que buscasse adequação às normas de segurança, fez com que se



gourmetizassem também o comércio e o público dentro daquele espaço. Já o comércio mais popular, por seu turno, resistiu e intensificou-se do lado de fora do Mercado. Na intersecção entre arquitetura, urbanismo e artes visuais, Gabriel Villas mapeou a vivacidade e as táticas do comércio de rua ao redor do Mercado Público, da cidade praticada no cotidiano. Através do registro em panfletos e/ou cartões postais que foram distribuídos aos comerciantes de rua e aos que circulam pelo entorno, buscou fortalecer e valorizar as dinâmicas populares que, por vezes, escapam à cidade estrategicamente planejada.

Em **Escuela Panamericana del Desasosiego: cruzamentos entre arte e educação**, Guilherme Susin Sirtoli aborda o projeto poético-educativo de Pablo Helguera, intitulado *Escuela Panamericana del Desasosiego*, para refletir sobre os limites e interseções entre a arte e a educação. Durante oito anos, Helguera atravessou o continente americano com sua escola autoinstitucional, desde o Alaska até a Tierra del Fuego, na Argentina. A proposta trans-pedagógica de Helguera tinha como objetivo promover trocas e experiências, contribuindo para a construção do tecido social em diferentes territórios. Sem seguir um modelo pré-estabelecido, essa experiência buscou valorizar as particularidades de cada território, promovendo novas relações entre arte e educação de forma ético-estético-social. A partir dessa análise, Sirtoli demonstra como a arte e a educação fora dos ambientes institucionais formais podem viabilizar poéticas e relações que atuem diretamente na vida em sociedade.

A contribuição **O direito de matar e calar: diálogos entre arte contemporânea e necropolítica**, de Vitória Valentim, propõe uma aproximação do conceito de necropolítica de Achille Mbembe com obras de Gabriel Borba, Alfredo Jaar e Félix González-Torres, que dialogam com um contexto brutal de subjugação pela biopolítica de Estados que desvalorizam determinados corpos, sendo sintoma de uma gestão de descarte e destituição de valor existencial. Aproximando trabalhos que discutem terrorismo de Estado durante a Ditadura Civil-Militar brasileira, o genocídio de Ruanda e a epidemia da aids, Valentim discute como diferentes poéticas atuam de forma crítica para materializar



os desaparecimentos e apagamentos causados pela negligência ou arbitrariedade com que a violência é perpetrada sobre corpos dissidentes.

Em **Carta a Mondrian: Lygia Clark pede amparo ao pintor holandês – um debate à luz dos “escritos de artistas” e do discurso Neoconcreto nas páginas do Jornal do Brasil**, Bruno Henrique Fernandes Gontijo tem como ponto de partida a correspondência imaginária de Lygia Clark (1920–1988) dirigida ao pintor holandês Piet Mondrian (1872–1944), com o propósito de examinar a consolidação de um discurso frequentemente reiterado pela crítica de arte brasileira no contexto do Neoconcretismo brasileiro. A pesquisa busca compreender como as análises críticas de Mário Pedrosa (1900–1981) e, especialmente, os artigos veiculados por Ferreira Gullar (1930–2016) no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, entre os anos de 1956 e 1961, contribuíram para a estruturação de uma narrativa histórica que não apenas atribui ao movimento brasileiro uma continuidade em relação às vanguardas europeias e seus artistas, mas também destaca sua capacidade de superação.

Guilherme Moreira, no artigo **Em Busca da Essência: reflexões sobre a presença da *Minimal Art* na 19ª Bienal de São Paulo**, oferece uma significativa contribuição às discussões pertinentes à história da arte contemporânea e à história das exposições. O autor aborda de modo particular a presença da *Minimal Art* na 19ª Bienal de São Paulo, notadamente no contexto da curadoria de Gabriela Wilder para a sala especial intitulada *Em Busca da Essência: Elementos da Redução na Arte Brasileira*. A pesquisa empreendida por Moreira concentra-se na análise textual e na identificação de conexões estabelecidas a partir do texto curatorial, visando compreender de que maneira a curadora incorporou os princípios teóricos e estéticos do minimalismo norte-americano para traçar uma genealogia da redução na arte brasileira da segunda metade do século XX.

Políticos à venda: um oferecimento de Pedro Moraleida, artigo de Thiago Alcântara, analisa a série de obras intitulada *Presidentes americanos e líderes comunistas vendem pornografia*, na qual o artista Pedro Moraleida (1977–1999) retratou, de forma irônica e grotesca, personalidades masculinas da política mundial. Em imagens que



dialogam com a linguagem publicitária e as histórias em quadrinhos, homens de Estado de diferentes vertentes políticas são retratados em poses e dizeres explícitos em inglês. Ao analisar a série, Thiago Alcântara discute masculinidades, o machismo, a construção de mitos ligados a figuras políticas, as tensões entre a corporeidade, o erotismo e a pornografia. Embora os recursos visuais busquem provocar o riso e alimentar uma crítica política, a interação com essas produções ressalta a importância de refletir de forma crítica sobre as imagens potencialmente misóginas e preconceituosas.

Jaqueline Sampaio, no artigo **Manobras Radicais: reflexões sobre uma exposição feminista no Brasil**, explora os textos do catálogo da exposição *Manobras Radicais: artistas brasileiras (1886-2005)* – exibida em 2006 no Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, com curadoria de Paulo Herkenhoff e de Heloísa Buarque de Hollanda –, a fim de compreender as relações entre arte e feminismo na mostra. A autora aborda os contextos e particularidades dos movimentos feministas no norte global e no Brasil, bem como a profusão de exposições de artistas mulheres a partir dos anos 2000 e seus antecedentes. Jaqueline Sampaio discute, ainda, as complexidades envolvidas nas nomenclaturas de exposições de artistas mulheres e exposições de caráter feminista, as quais não são necessariamente sinônimos. Ao comentar os textos presentes no catálogo da mostra, a autora evidencia as contradições da narrativa dos curadores, principalmente de Herkenhoff ao comentar as trajetórias de Lygia Clark, Tarsila do Amaral e Maria Martins, sobretudo quanto às estratégias de inserção no sistema artístico e/ou relações conjugais destas últimas.

Orientação e desorientação desde o corpo na obra de Pedro Parente e Julia Pema, artigo de Ricardo Henrique Ayres Alves, reflete, a partir de obras presentes em duas exposições ocorridas durante o período pandêmico de covid-19 na cidade de Pelotas/RS. A partir das exposições *Um palmo de mundo* de Pedro Parente e *Tramoia* de Julia Pema, ambas curadas por Renan Soares, o corpo é discursado através de leituras das obras expostas, abordando-o e relacionando ao contexto social. Com base no enquadramento de uma ambiguidade do



corpo estabelecido entre orientação e desorientação, são articuladas comparações reflexivas a partir de dialéticas entre diferenças e aproximações nos trabalhos à guisa da teoria de Christine Greiner a respeito dos diálogos entre corpo e espaço.

A mulher e a histeria: do estigma científico ao silenciamento na arte, das autoras Ana Carolina Tavares Sousa, Nádia da Cruz Senna e Rosângela Fachel de Medeiros, trata da estigmatização social de mulheres em discursos e práticas médico-científicas do século XIX a partir das histórias de Camille Claudel e Leonora Carrington, artistas pioneiras que tiveram suas existências marcadas pelo estigma da loucura e suas poéticas, pela insurreição. A partir de uma abordagem interdisciplinar, as autoras discutem os mecanismos de patologização, com ênfase na histeria, por uma ciência heteropatriarcal enraizada na perspectiva binária da diferença sexual. Com um referencial teórico de pesquisas que buscam sanar os apagamentos históricos aos quais diversas artistas mulheres foram submetidas, o artigo traz uma visão crítica do tratamento direcionado a mulheres que ousaram exercer sua liberdade tanto na vida quanto na arte.

No artigo **“Depois da revolução, quem vai limpar a sujeira na segunda de manhã?”: manutenção e cuidado como arte a partir do vídeo *Recepcionista***, partindo de seu trabalho performático e videográfico intitulado *Recepcionista* de 2023, Adriana Granado propõe reflexões a partir das possíveis relações estabelecidas com o campo da arte e os estudos do feminismo cujo enfoque de abordagem busca ressituar o pensamento a respeito do papel de subalternidade, ainda hoje majoritariamente imposto às mulheres e aos trabalhos de cuidado. Tecendo um diálogo com a artista estadunidense Mierle Ukeles, a autora articula ainda contribuições de pensadoras como Silvia Federici, Joan Tronto e Françoise Vergès, como uma espécie de conversa reflexiva, à leitura sobre o atual estado de desigualdade de gênero na arte e fora dela.

Em **Quando ver é perder: a inexorável busca do vazio ou a inelutável modalidade do visível**, as autoras Isadora Ebersol e Denise Bussoletti exploram, a partir de uma escrita poética e ensaística, a experiência da captação de uma imagem fotográfica no subsolo do templo de Nossa



Senhora de Guadalupe, assim como a própria imagem tomada de sobressalto. Tendo como referência teórica basilar os escritos de Didi-Huberman, as autoras percorrem as aberturas para o vazio da sua prática poética, onde o caminho do meio, que não se fecha em uma tautologia ou em uma crença que ignora o que se vê, se apresenta como forma reflexiva do olhar que retorna ao próprio observador.

No artigo **Joia: coisa encarnada, gesto de encarnação**, Bruna Bortolotti e João Vilnei propõem questionar e reconceituar a joia perante os campos filosófico e artístico. Com uma abordagem pessoal e ensaística, os autores posicionam suas indagações sobre o que seria uma joia e como conceituá-la, tomando a experiência pessoal como arquiteta e ourives de Bortolotti como ponto de partida. Para a pesquisadora, a ourivesaria, em seus métodos próprios, é capaz de articular escrita e invenção, complexificando a compreensão de que a joia não é nem coisa, nem objeto, mas feitos delineados por gestos em movimento, gestos que produzem existências que se encarnam.

Rafaela Travassos Sarinho, no artigo **Entre o vazio e a descontinuidade: a rua como espaço de abertura em Manoel Quitério**, toma o elemento *rua* como partida para refletir sobre os processos de significação a partir do trabalho de Manoel Quitério. Em articulação com o campo filosófico e psicanalítico, tendo em Lacan e Foucault, sua base teórica de diálogo, a pesquisadora tece uma crítica sobre a falta de fundamento anterior às palavras e às coisas, tomadas como descontinuidades constituídas sem pressupostos. Assim, em Quitério, a rua é torcida espacialmente abrindo caminho para novos sentidos.

O artigo **O Mundo: a sobrevivência da imagem através do tarô** de Mirna Xavier Gonçalves parte do conceito warburgiano da sobrevivência das imagens [*Nachleben*] para explorar as permanências e as adaptações dos elementos formais presentes em diversas versões da carta de tarô *O Mundo*, que, com efeito, manteria viva até a atualidade imagens com raízes no período medieval. Em sua abordagem a autora transita pelos diversos componentes constituintes deste objeto de estudo, como a mandala, a figura central dançante e os quatro evangelistas, levantando questões sobre o entrecruzamento de elementos religiosos, míticos e filosóficos.



No artigo **O processo da pintura dentro e fora do ateliê**, Andressa Pacheco Lawisch discorre sobre seu trabalho e processo de criação pictóricos em que os conceitos de ruínas e demolições são guiados pelo sentido de habitar como forma afetiva de repensar memória, por vezes, da infância, por vezes mais recente. Amparada pelas colagens das vanguardas históricas, seu trabalho utiliza materiais da construção civil, muitos retirados de espaços em reforma e tinta esmalte sintética. Ao tomar notas do processo, o ateliê da artista ganha ares de laboratório, espaço de ideias e experimentação, coadunando com a teoria de Isabel Diegues e Frederico Coelho. Sua pintura acaba por ser uma construção com fragmentos de demolições, tendo formas gráficas e pictóricas e ganhando, dessa forma, a companhia de artistas referenciais como Lucia Laguna e Gisele Camargo.

E, encerrando esta edição, no artigo **Até a falha: forças e profundidades na superfície do raio-x**, Renata Voss apresenta seu processo poético na confecção do livro de artista intitulado *Até a falha*. A pesquisadora trabalha sobre imagens de sua autoria do corpo atlético de profissionais do fisiculturismo utilizando chapas de raio-x como suporte da fotografia, com sua transparência e seus processos lentos de base química, e métodos de encadernação artesanal. Partindo da sua prática artística e tendo o pensamento do autor Hans Ulrich Gumbrecht como ponto principal de diálogo, Renata procura desenvolver questões relacionadas à materialidade do seu trabalho, com suas propriedades visuais específicas, e a prática esportiva, tendo como enfoque o esculpir do corpo feminino e sua representação, assim como as relações entre interior e exterior destes corpos.

Boa leitura!

Equipe de editoração.

